

Releitura de Lutero em Contextos de Terceiro Mundo

Reflexões de um pastor que trabalha no centro geodésico da América do Sul sobre o aproveitamento da teologia de Martim Lutero para a militância cristã no Terceiro Mundo.

Albérico Baeske

Para Pe. Reginaldo Veloso e Dom Helder Câmara
com saudade, carinho e gratidão.

Enquanto estou escrevendo o presente texto, noto que no Brasil a miséria é tamanha que destrói a solidariedade entre oprimidos; movimentos populares se desfazem em consequência de projetos pessoais dos seus integrantes;
tudo e todos parecem compráveis,
ser corruptor representa a maneira mais acertada para subir,
ser corrupto, quase a única maneira de sobreviver.

A

I

É uma temática estranha a que nos propomos. O que Martim Lutero, teólogo alemão na passagem da Idade Média para a Moderna, tem a ver com o Terceiro Mundo? Ele mal sabia da existência de algumas regiões que hoje são contadas nesta parte do globo¹.

É, pois, um tema de desocupados ou, quem sabe, de fugitivos da situação insuportável do Hemisfério Sul? Não existem tarefas e desafios incomparavelmente mais prementes e, de fato, vitais do que debruçar-se sobre os textos densos daquele ex-monge agostiniano?

II

1

Quem vê nestas inquirições mera retórica, pouco entendeu ainda; é de duvidar que viva conscientemente no Terceiro Mundo, sofrendo junto com os que estão sendo mantidos oprimidos e lutando ao lado dos que tiveram roubados seu suor e sua consciência.

Quando, no afã de materializar a sua solidariedade existencial *in loco* e concretamente, inclusive pessoas de origem evangélica luterana nos incitam: “Esqueçam Lutero, caiam na real popular e se mexam” — como reagimos?

Seria sinal de endurecimento dos nossos corações se — em vista da preguiça mental, da lerdeza social, da ética oportunista e do orgulho dogmático de tantos evangélicos luteranos em todas as partes do mundo — recomencássemos agora os nossos novos/velhos e mal-afamados discursos teológicos apologeticos. Tais discursos, infrutíferos já em outras plagas, são simplesmente ridículos no Terceiro Mundo. Cuidemos para que o presente Seminário, pelo menos, não os aumente.

Afinal, Lutero desejava ser lembrado? Ele próprio não insistia na urgente e constante precisão de “puxar Cristo para dentro da nossa carne”, quer dizer: vivenciar a fé na realidade que nos cerca, transformando-a? Não era ele quem repetia que “um cristão deve fazer poucas palavras e muitas ações”⁴ (sob ações, Lutero sempre entendia atividades que visam o bem-comum, a começar com pão e trabalho para todos)?

Na medida em que os nossos questionadores agem assim⁵, militam no meio, com e sob os sem-vez, sem-voz e sem-rumo — chegando a empenhar “corpo, bens e honra”⁶ — eles certamente foram mais “atingidos por Lutero”⁷ do que os administradores meticolosos, abstratos e estereis da chamada “herança do Reformador”. O mais tardar tais evangélicos luteranos anônimos nos forcem a pôr às claras o motivo da temática em apreço.

Ninguém por aqui nos levaria a sério se mencionássemos o nosso eventual nascimento no “luteranismo” e o nosso atual ganha-pão ao servi-lo, a responsabilidade para com “a nossa tradição eclesiástica” e a sua “necessária” comunicação para dentro da multiforme visão da vida plena e da multifacetada militância por ela no Hemisfério Sul.

Ter nascido num determinado ambiente religioso não significa necessariamente morrer nele, e tradição pode se tornar abominável — a cada dia se nota isso no Terceiro Mundo. Na América Latina, por exemplo, o socialismo contextual de José Carlos Mariátegui e de Che Guevara, bem como certas encarnações católicas romanas da fé cristã, não são opções e projetos quase irresistíveis para uma vida pessoal e comunitária responsável?

E nós, mesmo assim — ou de novo —, com Martim Lutero! Chegou a hora da nossa *assertio*⁸. E à asserção corresponde a existência “sob o céu”. Aí a nossa temática se torna pessoal. Exclusivamente deste jeito correspondemos vivencialmente a ela. Cada um veja como e onde fica.

III

1

Pessoalmente, dou graças a Deus pelo “doutor Martim Lutero, evangelista indigno do nosso Senhor Jesus Cristo”¹⁰. Sabendo quem são o Pai e o Mestre (Mt 23.8ss.), jamais Lutero se cansou de repetir:

Eu não sou e não quero ser mestre de ninguém. Tenho com a comunidade a doutrina única e comum de Cristo, que é o nosso único mestre.¹¹

Lutero compromete com Cristo e liberta para a época da gente, liberta inclusive dele próprio.

Destarte ele me é companheiro e irmão na luta diária pelo sentido e pela materialização da fé na vida nua e crua por aqui. Ele exerce em mim “mútuo colóquio e consolo dos irmãos”¹². Lutero não é um modelo reprodutivo, mas inspiratório. Desafia a todos que gostam de agir, falar e refletir a partir da fé. Ele não me amarra, mas me exercita na liberdade, provocando a minha responsabilidade e me confrontando com o fato de eu estar sendo responsabilizado.

2

Por conseguinte, nada de copiar Lutero e de imitar a sua vida. É igualmente impossível que eu compare a conjuntura na qual me vejo inserido com aquela na qual ele vivia, perguntando o que ele diria e faria em meu lugar. Não se trata, pois, de assimilar conteúdos específicos e práticas transitórias de Lutero. Ele não é apropriável, e muito menos ainda no Terceiro Mundo. Trata-se, isto sim, de descobrir se ele contribui para revigorar e exercer a fé, “essa capacidade objetiva de levantar novos problemas” e de aceitar novos desafios daí decorrentes “sem se deixar levar, pela novidade, à desorientação ou à marcha-ré em busca de segurança no estático” e tradicional (J. L. Segundo)¹³.

3

Então poderia me referir a Martim Lutero tal qual ele se referia a João von Staupitz. Por exemplo:

Mas, embora certamente desejemos ser gratos e agradáveis a ti, não convém que sejamos esquecidos e ingratos para contigo, através de quem por primeiro a luz do evangelho começou a resplandecer, a partir das trevas, em nossos corações.¹⁴

Lembro-me, Reverendo Pai, que em meio às tuas agradabilíssimas e salutares conversas, com as quais o Senhor Jesus costuma me consolar maravilhosamente (...).¹⁵

Eu tenho toda a minha questão do doutor Staupitz; ele me deu *occasionem* (fundamento, causa e motivação).¹⁶

Em nenhuma oportunidade a palavra do irmão Martim Lutero é melíflua. Todavia, “sempre agradável, temperada com sal” (Gl 4.6). Justamente quando custa digeri-la é tanto mais fortalecedora. O irmão Lutero não é nada fácil, dá trabalho e, muitas vezes, a sua companhia incomoda bastante. Quem agüenta, experimenta aquele “experientíssimo médico das corcências enfermas, aflitas e mortas”¹⁷.

4

Qual a palavra do irmão Martim Lutero que seria lenitivo e viático no Terceiro Mundo? Dificilmente a *Weimarana* inteira. Seria, então, um resumo da mensagem de Lutero em forma de reinterpretção dos seus grandes termos que se completam dialeticamente¹⁸, como, por exemplo, Gerhard Ebeling¹⁹ o fez para o Primeiro Mundo?

IV

Pergunto se o próprio irmão co-viandante não oferece indicações para a descoberta do nosso critério de seleção, redução e releitura da sua mensagem. De momento, vejo as seguintes:

1

Lutero insistiu que os cristãos — sob pena de Deus os mandar embora — não ficassem presos a algo já feito, aprendido e ordenado por Deus, mas que, ao contrário, estivessem sempre dispostos a fazer algo diferente daquilo que têm feito e aprendido e do que Deus tem ordenado até a presente hora. A gente é cristão enquanto está assim na espreita.

(Se) os verdadeiros (...) adoradores (de Deus) (...) fizeram ou fazem (tais coisas), o consideram como nada; antes, buscam como agradar a Deus, sempre prontos a fazer quaisquer outras coisas. (...) Esses não se fixam em nenhuma obra, mas dirigem-se a todas. E note-se uma comparação: quando Deus converte um ser humano, ele o acolhe assim como um músico introduz um aluno a ser instruído. Primeiramente, para que adquira habilidade, propõe rudimentos fáceis, só passando a outras coisas depois que o aluno tiver aprendido a lidar com o instrumento com os dedos, ainda que este, quando descobrir que consegue mover as cordas, logo vá embora como se soubesse tudo e se jacte a todos de sua música e de sua arte de tocar a cítara, não querendo saber de admoestações para que aprenda mais. (...)

Do mesmo modo, se alguém contratar um servo e, para testá-lo, primeiramente o mandar limpar a sala, depois lhe ordenar outra coisa, e o servo clamar: “É isto que ordenaste, é isto que é bom” — que dirá o senhor senão: “A desgraça me sobreveio com este cabeçudo”, ou o mandará embora imediata-

mente. (...)

Quais são, pois, as outras obras agradáveis a Deus? Resposta: elas não têm nome (...). Olha um cavalo que aprendeu a sair e a entrar na casa de seu senhor: quando está numa estrada pavimentada e limpa, considera como nada esse aprendizado de sair e entrar; antes, acostumado unicamente a isso, faz e vai onde quer que seu senhor o cavalgue, nunca sabe para onde vai, é mais impelido do que impele, vai sempre e de qualquer modo pela água, pelo barro, pela chuva, pela neve, pelo vento, etc. Assim são os seres humanos de Deus, que são impelidos pelo Espírito de Deus, que, depois de aprenderem as lições do ser humano exterior, não lhes dão muita importância, considerando-as tão-só um prelúdio. (...) entregam-se unicamente a Deus, não se fixando depois em nenhuma obra, e as obras deles não têm nome no princípio, e sim no fim, que não impelem, mas são impelidos.²⁰

Resumindo: segundo Martim Lutero, os cristãos são vanguardistas aplicados. Eles aguardam as inusitadas deliberações de Deus. São agraciados com confiança a fim de irem aonde e para onde ele os levar.

2

Lutero experimentou e exercitou, começando em si mesmo, que a fé em Jesus Cristo é *Widerfahrnis* (algo que acontece a nós) e a reflexão sobre ela, graça. Elas nunca se dão na retorta. Ocorrem sempre numa determinada situação histórica que é peculiar, pessoal e conjuntural, e contra outras frentes/posições/posturas, velada e claramente articuladas²¹. Sobretudo, atingem a pessoa toda, reclamando-a integralmente, não abençoando mas transformando a ela e tudo em que ela toca²². “A fé faz a pessoa.”²³.

Em consequência, nada de repetição, reprodução ou epigonismo; ao contrário, confissão — com coração, boca e mãos — atual, concreta, sem igual — e limitada, devido às limitações humanas e aos respectivos *kairoi*, (tempos oportunos). Não existe uma fé celeste e perene, só fé terrestre e encarnada. A fé absoluta é a fé carnal! A sua faculdade de se encarnar/materializar evidencia o vigor, a invencibilidade — sim, a verdade da fé. Na medida em que se encarna/se materializa ela é fé que permanece. Assim não se provoca a volatilização e descaracterização da fé em especial e o relativismo em geral? De jeito nenhum, pois “a fé vem do ouvir”²⁴:

Mesmo que Cristo fosse entregue e crucificado mil vezes por nós, seria tudo em vão, se a palavra de Deus não chegasse e o (sc. a entrega e morte de Jesus Cristo) distribuisse e o doasse a mim e falasse: “Isto aí é tudo teu, pega e tem para ti.”²⁵

Na viva voz do evangelho acontece o “advento cotidiano de Cristo”²⁶, bem como na Ceia do Senhor:

A honra do nosso Deus é esta: por nossa causa ele vem cá para baixo, para dentro da (nossa) carne, para dentro do pão e para dentro da nossa boca, coração e colo.²⁷

Tal advento cria e encarna, impulsiona e acompanha, direciona e conserva a fé. “Cristo está presente na própria fé.”²⁸ Por isso:

A primeira e maior preocupação é (...) que os sacerdotes (acrescento: e os cristãos) abundem em toda palavra da verdade.

Mesmo que operem milagres, ressuscitem mortos e expulsem demônios, isso absolutamente nada vale se não têm fartura na palavra da verdade.

Por isso resta-nos isto: como não está em nossas forças ter fé e assim também não guerrear com êxito nem triunfar com glória, devemos clamar ao Senhor, quando somos tribulados, e ele nos atenderá; a vitória vem do céu. (...) Só o invoca, porém, quem crê; só crê, porém, quem ouve a palavra da verdade; só ouve a palavra da verdade, porém, quem ouve o evangelho (...).

Por isso a primeira e a última coisa (a fazer) é que com todo esforço tratemos de ter o evangelho na mais alta estima, ocupando-nos dele de noite e de dia.²⁹

Logo, quem granjear abundância na palavra da verdade percebe a única coisa fundamental hoje. Cristo, atuante na sua fé, o conduz para a concretização da mesma, imperativa aqui e agora:

Caso eu explicasse em alto e bom som e com palavras insofismáveis cada detalhe da verdade divina exceto aquele pequeno ponto que o mundo e o diabo no momento atacam, então não confessaria a Cristo, se bem que o apresentasse de maneira excelente. Onde a batalha acontece, aí o soldado precisa demonstrar fidelidade. Ficar firme em todos os outros campos de batalha não passa de maldição e vergonha, se a gente retrocede naquele ponto.³⁰

Resumindo: segundo Martim Lutero, a fé dos cristãos — na qual o seu próprio criador, Jesus Cristo, continua presente e atuante — os esclarece sobre o que urge confessar com coração, boca e braços nos dias que correm. Ela os organiza para detectar isso. Ela os encoraja para uma fé encarnada exatamente aí.

3

Lutero voltou até à exaustão, sempre de novo, ao fato de que Deus não carece do nosso serviço, mas sim o próximo³¹. O necessitado ao nosso lado é o seu vigário. Nele o seu chamamento nos alcança. Na nossa adesão aos “sofridos que esta sociedade faz”³² Deus constata a nossa gratidão a ele mesmo. Agrada a Deus que leiamos a sua vontade nos olhos dos que passam penúria³³. Eles deveriam ser o destino das peregrinações dos cristãos³⁴. Deus se identifica com os que têm precisão, por exemplo: “Quem se afasta do seu semelhante, afasta-se do próprio Deus.”³⁵ Sim, blasfema quem fita o céu, afirmando que, se Deus visse, o serviria de todo jeito possível, pois tal pessoa deixa Deus despercebido, que assegura: “Olha bem, para não passares por cima de mim; eu estarei suficientemente perto de ti

em cada pessoa pobre que necessita do teu auxílio e conselho; eu estou bem dentro dela.”³⁶ Em vista disso: “culto/serviço a Deus³⁷ no dia-a-dia do mundo”³⁸!

O senhorio de Jesus Cristo consiste em nos servir³⁹. Ele nos serve com a Palavra e os sacramentos: distribuindo entre nós e depositando em nós o seu nascer e viver, o seu sofrer e morrer, o seu ressuscitar e estar à direita de Deus, o seu constante intervir em prol do universo e “vir pela segunda vez em glória”⁴⁰ para concluir de modo incontestado o reinado de Deus.

A sua angustiada determinação de amor é que nós lhe pertencemos, o que vale dizer: tornemo-nos “um Cristo para o nosso próximo”⁴¹. Jesus Cristo quer que a nossa existência seja não apenas agradável, mas salvífica para os outros. Tal sucede quando “lhes somos prestativos, corporal e espiritualmente”⁴². Que os nossos préstimos são integrais, origina-se do próprio Jesus Cristo; por exemplo:

Em Cristo céu e terra estão juntos e são uma só coisa; em Cristo tudo está cumprido e sob o nosso poder. Por isso quem tem Cristo e crê nele, tem céu e terra e tudo que eles contém.⁴³

A nossa existência é salvífica para os demais:

a) Quando “em favor dos outros e para salvaguardar que vivam protegidos e em paz”⁴⁴, empenhamos “corpo, bens, honra e vida”⁴⁵;

b) quando comprovamos solidariedade com os ímpios⁴⁶ e pecadores, aliás: não fugindo da convivência dos maus; antes, buscando-a para ajudá-los; não querendo ir só nós ao céu, mas estando ansiosos para levar conosco, se possível, os piores pecadores.⁴⁷

Somos solidários com eles porque Jesus Cristo nos mostra quem somos nós: “maus e os piores pecadores”. Agora, do jeito que ele nos carrega e transforma em “um Cristo para o próximo”, também o quer fazer, mediante nós, com eles. Solidariedade aqui é, portanto, expressão de penitência nossa e de confissão de que somos co-responsáveis pela sua postura devido à nossa separação orgulhosa deles, por um lado, e, por outro, devido à nossa culpa por não lhes termos testemunhado o senhorio de Jesus Cristo. E é ainda expressão de esperança para eles e de questionamento carinhoso, que pergunta como é que podem permanecer na impiedade e no egoísmo pessoal e social em vista de Jesus Cristo ser o servo de todos nós;

c) quando carregamos a sua culpa:

precisamos “até colocar em prol” dos nossos semelhantes a nossa “fé e a” nossa “justiça perante Deus a fim de cobrir” os “seus pecados, e” precisamos — “não podendo agir diferentemente — carregá-los como se” fossem nossos “do mesmo jeito como Cristo fez a todos nós”⁴⁸.

Isto ocorre quando nos deixamos confrontar com o Jesus Cristo integral — tal confronto revela, sempre de novo, a nossa real situação perante ele e evita o nosso endurecimento em relação a outros culposos; quando intercedemos por eles junto a Jesus Cristo, o transformador de todos nós e das conjunturas pecaminosas que criamos; quando somos intransigentes no tocante a qualquer opressão dentro de nós, acima e ao redor de nós, bem como incansáveis contra os opressores em nós, acima e ao redor de nós; quando os chamamos — por mandato de Jesus Cristo, o servo sofredor — a “se converter de seus maus caminhos e alcançar a vida” (cf. Ez 18.23).

Lutero chamou uma existência como a que caracterizamos de “um nascimento cristão e uma encarnação”, já que “entramos na carne do nosso próximo e (...) a vestimos”⁴⁹.

Martim Lutero nos anima

- a esperar pelas inusitadas deliberações de Deus;
- a confessar Cristo no ponto que hoje se impõe;
- a servir a Deus nos oprimidos;
- a entrar na carne deles.

B

Usando estes tópicos como critério para o presente enfoque da teologia de Lutero entre nós — eu preferiria falar em aproveitamento da sua teologia para a militância cristã no Terceiro Mundo —, chego à sua releitura da liberdade por graça e fé, confessada primeiramente pelo apóstolo Paulo.

Encaro-a não como tópico dogmático, mas como vida vivida daquele ex-monge agostiniano alemão numa época de mudanças em tudo, inacreditáveis até então — e quase todas elas provocadas por ele. Pois pela vida em liberdade é que ansiamos. É ela que nos interessa — e, oxalá, atraia, atinja e mova — em Lutero⁵⁰.

I

A “liberdade da pessoa cristã/dos cristãos”⁵¹ foi o seu tema existencial, diário e vitalício. Simplesmente o determinou. O seu comportamento pessoal e a sua postura, nos altos e baixos da vida de cada dia como indivíduo, súdito e concidadão, como filho, esposo e pai, como cura d’almas, pregador e catedrático, como membro da Igreja, co-militante nela e “evangelista indigno”, o testemunham de maneira estupenda. Tudo o que fez ou deixou de fazer entendeu como “usar a nossa liberdade”⁵². Foi esta, deusas, a primeira e última palavra com que costumava responder tanto a companheiros medrosos⁵³ quanto a seus críticos e inimigos, viessem de onde viessem⁵⁴. Ele foi *eleutherius*⁵⁵, o livre libertado, por excelência. Desconheço ca-

raterização mais apropriada para a vida e obra de Martim Lutero do que “Lutero, o homem livre”⁵⁶.

II

Qual a origem da liberdade de Lutero?

A origem da sua liberdade é idêntica à descoberta da justificação por graça e fé, que Deus lhe concedeu quando se debruçava dia e noite sobre a Bíblia⁵⁷. Veio, contudo, absoluta e surpreendentemente de fora dele:

Aqui senti que renasci inteiramente e, com as portas abertas, entrei no próprio paraíso. (...) Assim essa passagem de Paulo (sc. Rm 1.17) foi para mim verdadeiramente a porta do paraíso.⁵⁸

A graça de Deus tomou corpo na fé de Lutero. E a fé de Lutero se materializou na sua liberdade. E a sua liberdade se concretizou no seu renascer em toda linha e na certeza inabalável de que nada o “poderá (...) separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus”, seu “Senhor” (Rm 8.39).

A liberdade de Lutero ocasionou a sua pasmosa criatividade⁵⁹, a sua coragem inconcebível⁶⁰ e a sua surpreendente independência⁶¹.

III

O que significa ser livre para Lutero?

1

Confessar que

o livre-arbítrio é um nome inteiramente divino e não pode pertencer a ninguém exceto tão-só à divina majestade. Pois ela pode e faz (...) tudo o que quer no céu e na terra. Se ele fosse atribuído a seres humanos, não o seria nada mais corretamente do que se se lhes atribuisse a própria divindade, e não pode haver sacrilégio maior do que esse⁶²,

o que corresponde a viver dependendo deste Deus livre e confiando nele em qualquer conjuntura e acima de todas as coisas e pessoas, considerações e organizações. Por exemplo:

Não coloco a minha confiança em nenhum ser humano na terra, nem em mim mesmo, nem em meu poder, saber, bondade, piedade ou em que eu possuir.

Não coloco a minha confiança em nenhuma criatura, esteja ela no céu ou sobre a terra.

Eu me arrisco e coloco a minha confiança tão-somente no Deus invisível, incompreensível e único que criou o céu e a terra e que sozinho está acima de todas as criaturas.

Por outro lado, não me apavoro com toda a maldade do diabo e de seus comparsas, porque o meu Deus está acima de todos eles. (...)

Creio em Deus, mesmo que eu seja pobre, sem compreensão, sem estudo, desprezado ou carente de todas as coisas.

Creio em Deus, mesmo sendo um pecador. É que essa minha fé precisa e deve pairar acima de tudo que existe e não existe, acima de pecado e virtude e acima de todas as coisas, para em Deus manter-se pura e limpa, como o primeiro mandamento me constrange.

Também não lhe peço nenhum milagre para tentá-lo.

Confio nele sem cessar, por mais que ele demore, e não lhe imponho termo, prazo, medida ou forma (...).⁶³

Quem vive assim dependente de Deus, é independente por excelência, inconformado incansável e revolucionário permanente no meio em que vive. Não existe subversivo mais perigoso para o *status quo* do que tal pessoa confiante em Deus.

2

Ser vencido pela palavra de Deus e, por conseguinte, preso nela. Arriscar o não e o sim. Ser transparente e insofismável na conduta. Lutero perante a Dieta de Worms em 1521:

A menos que eu seja convencido por testemunhos da Escritura ou por um argumento evidente (...), fui convencido pelas Escrituras por mim aduzidas e a minha consciência está presa nas palavras de Deus, não posso nem quero revoar qualquer coisa, pois também não é íntegro agir contra a consciência.⁶⁴

A liberdade deste tipo de preso não pede licença⁶⁵, nem aguarda até que os seus direitos venham. Ele sai à luta. Está ciente de que “esperar não é saber. / Quem sabe faz a hora, / não espera acontecer”⁶⁶. Pouco lhe importam hierarquias e instituições, tradições e bons costumes, ideologias e práticas. Sob Deus, experimenta o Emanuel. Ele está na “liberdade maravilhosa dos filhos de Deus” (Rm 8.21). “O presente e o futuro, os principais e poderes” (v. 38), “a tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada e a morte” (v. 35) o assustam mas não o barram. Ele “tem medo somente do medo / de quem mente pra sobreviver; / ele tem medo somente do medo / de quem cala ou quem finge não ver”⁶⁷.

3

Ser libertado para a fé, o que corresponde a ser livre de si próprio⁶⁸, do que é seu e dos seus⁶⁹, inclusive da sua própria liberdade por causa dos próximos⁷⁰. Age assim movido pela fé, “pois tudo o que não procede da fé é pecado” (Rm 14.23):

Toda boa obra é pecado, a menos que (a) perdoe a misericórdia (de Deus que está sendo revelada na fé).⁷¹

4

Ser libertado por graça e livre na fé não significa ser livre, por exemplo, dos opressores internos e externos do Terceiro Mundo, do democratis-
mo antipopular e dos *ways of life* que nos querem inculcar, mas ser livre para se tornar libertador político e econômico, social e cultural.

Aí é livre para

a) conscientizar-se e ter claro em toda parte e circunstância que

não há nenhum santo no Antigo Testamento e no Novo Testamento que não tivesse sido alguma coisa na economia ou na política.⁷²

Os “santos da lua”, os “falsos santos”, os “santos do diabo”⁷³ fogem da política e economia. O livre libertado desmascara estes e também combate aqueles que desvirtuam a política e a economia para seu próprio lucro. Para ele, política e economia são meios para chegar a uma vida coletiva, digna e repartida. Aí é vigilante e cuida com quem vai em sociedade e Estado;

b) usar a razão — em favor do espoliado. Para tal fim Deus deu a razão⁷⁴. Quem a põe de lado ou a emprega apenas para si mesmo, despreza o seu doador. “O ser humano é suficientemente racional”⁷⁵ para organizar a sua vida e o seu convívio. A razão a serviço do necessitado enxerga o que o oprime e consegue que seja libertado⁷⁶; neste sentido ela tem que imperar sobre todos os direitos e leis vigentes. É apta a ajudar ao pobre “em todas as necessidades da vida”⁷⁷ e, sem a menor dúvida, sabe “melhorar (...) os seus bens e o seu ganho”⁷⁸.

Deve-se e pode-se confiar na razão enquanto se empenha naquilo que “pertence ao sustento e às necessidades da vida, como: comida, bebida, vestes, casa (...) campos (...) dinheiro (...) bom governo, bom tempo (...) saúde (...) (escola), honra, leis amigos”⁷⁹, preferencialmente em prol dos que nada disto têm. A capacidade de percepção e organização e a força produtiva comunitária da razão do livre libertado não são, via de regra, maiores do que as dos que ainda desconhecem a liberdade cristã ou não a querem conhecer. Todavia, o livre libertado se encontra sempre entre aque-

les que optam pela racionalidade que constrói uma sociedade justa. Quem sabe, ele o faz com maior fôlego;

c) aprender de não-cristãos, até de anticristãos. O livre libertado vê com humildade, objetividade e autocrítica onde o bem-comum é melhor salvaguardado. Para ele, Deus o criador e mantenedor do mundo está igualmente aí agindo e o chama à aprendizagem. Lutero afirmou, por exemplo, que certos estadistas e legisladores

receberam de Deus um astral específico (...) Eles têm sorte e vitória (...) (Deus os suscita) no meio dos ímpios e pagãos (...) como na Pérsia o rei Ciro, na Grécia (Antiga) os príncipes Temístocles e Alexandre Magno, entre os romanos Augusto e Vespasiano.⁸⁰

Excitante é quando Lutero, na mesma linha, se referiu aos turcos, os inimigos políticos e religiosos mortais do Ocidente da época. Por exemplo:

Consta que ninguém tem regime secular (ordem política, econômica e social) mais excelente que o turco (...) Em contraste, temos de admitir que não há regime mais vergonhoso do que o nosso (...) Já nenhuma classe procede segundo a razão natural, menos ainda em conformidade com a Sagrada Escritura.⁸¹

Lutero foi tão enfático que o apelidaram uma vez de “amigo dos turcos”⁸². Que apelido receberia o livre libertado no Terceiro Mundo?

d) resistir às forças, instituições e pessoas opressoras, aa) antes de tudo, com a palavra:

Não se pode concordar com a injustiça. Deve-se testemunhar a verdade, recorrendo ao que é justo e se baseando no que é direito contra a violência (institucionalizada) e os crimes (dos de cima), como fez o próprio Cristo perante o sacerdote Anás.⁸³

Nesta labuta precisa-se ter

dentes na boca, morder e salgar e dizer as verdades. Caso não queiram ouvir, (deve-se) excluir (da comunidade), fechar o céu e deixar para o fogo do inferno e, da parte de Deus, entregar ao diabo.⁸⁴

Martim Lutero usou da palavra como poucos, sem tomar em consideração a sua pessoa. Em verdade, foi um pregador político⁸⁵ como poucos. Seus inúmeros ataques aos funcionários de todos os níveis da administração pública, inclusive às autoridades máximas, foram tão diretos e sagazes que, hoje em dia, já alguns deles levariam um livre libertado, sob qualquer regime, à prisão⁸⁶.

ab) Depois, com a retenção da intercessão⁸⁷ pessoal e comunitária, comunicada *ex officio*, sendo que

a Igreja (...) não tem poder maior (...) do que a oração comunitária con-

tra tudo o que a escandaliza.⁸⁸

As conseqüências são incalculáveis. Pois

os que oram governam o mundo com Deus.⁸⁹

São (...) ajudantes e salvadores, sim, senhores e deuses do mundo; são as pernas que carregam o mundo.⁹⁰

ac) No mais, não obedecer às autoridades — isto é: comprovar desobediência civil — caso iniciem uma “guerra de/por prazer”⁹¹, de conquista e opressão, por ganância e prestígio. Lutero, pensando aqui numa guerra contra condados vizinhos, constatou:

Se tens certeza de que ele (o conde) comete injustiça (ao começar a guerra de/por prazer), precisas obedecer antes a Deus que aos homens (...) e não guerrear e prestar serviço (militar)

e — continuou Lutero inexoravelmente — sofrer as conseqüências por causa de Deus⁹². Agora, o livre libertado no Terceiro Mundo se vê confrontado e envolvido, muito mais, numa guerra de/por prazer que a minoria privilegiada promove contra a maioria do próprio povo a fim de mantê-la na miséria. Como é que ele se posiciona? Terá alternativa?

ad) Por fim, como último recurso, ativamente. Lutero, ao ser consultado sobre como agir quando a tirania das autoridades fica insuportável, professou:

Ao ser humano privado não é permitido (matar o tirano), mesmo que possa (fazê-lo), pois o quinto mandamento proíbe isso. (...) Do mesmo modo, se (o tirano) tomasse deste a mulher, daquele a filha, de um os campos e os bens, de outro a casa e o sustento, e se os cidadãos, não podendo mais suportar a violência e tirania dele, conspirassem ao mesmo tempo, seria permitido matá-lo.⁹³

Para Lutero parece básica a conspiração dos cidadãos⁹⁴. Ela é fruto de trabalho de base, onde o livre libertado se engaja primordialmente. A resistência ativa se decide, se organiza e se efetua comunitariamente na sociedade civil. Que tal aconteça, aflige demais o livre libertado. Pois é o bem comum que está em jogo, não o bem-estar individual. Atos individuais, mesmo que sejam de libertação, produzem tirania em essência. A tirania sempre se instala via o bem do indivíduo em prejuízo da coletividade;

e) criar novas leis, pois para o livre libertado vale:

A lei é a negação de Cristo.⁹⁵

E:

Onde está Cristo deve retirar-se o velho colono Moisés.⁹⁶

Junto com Moisés desaparecem não apenas as leis cultuais e casuísticas do Antigo Testamento, mas até o próprio Decálogo, ao qual se diz “um

longo adeus”⁹⁷. O livre libertado faz novas leis, como, por exemplo, o apóstolo Paulo com os seus catálogos de virtudes e vícios⁹⁸. Estes e os Dez Mandamentos têm somente caráter inspirador e modelar para uma ética condizente com o momento histórico. Não há tempo nem espaço para temeridade e hesitação. O *kairos* (tempo oportuno) chama e a liberdade é toda do livre libertado. E a liberdade não seria aquela com que foi agraciado se não a exercesse de modo corajoso e na disposição alegre de correr riscos, com grande sensibilidade e imaginação.

As leis que cria dizem respeito à convivência humana nos dias que correm. Regulam-na para hoje e talvez para amanhã.

C

I

No ensaio do desdobramento da “liberdade maravilhosa dos filhos de Deus” aqui e agora, o livre libertado vela para que nem ele nem outros a usem “como cobertura para o mal; antes”, a usem “como servos de Deus” (1 Pe 2.16). Isto significa, por um lado, usá-la não para os seus caprichos pessoais, para a realização do seu estilo de vida individual e para o aperfeiçoamento da sua personalidade, mas, ao contrário — em detrimento de tudo o que ele é, tem e almeja —, para poder solidarizar-se com os oprimidos com a necessária celeridade e espontaneidade. Significa, por outro lado, não formular e promulgar leis e recomendações, experiências e práticas a respeito de como proceder hoje — isto seria “prender de novo ao jugo da escravidão” (Gl 5.1) — mas, ao contrário, em silêncio, humildade e vontade de aprender, indicar unicamente o fundamento do ser livre libertado:

“Na liberdade”. Em qual? Na de Cristo. Não é a liberdade pela qual César pode libertar. (...) Esta é a liberdade civil, quando alguém é eximido de ônus. A liberdade da carne é a do diabo, através da qual ele rege acima de tudo em toda a terra, quando os seres humanos fazem o que (querem) (...) querem ser livres em suas concepções, opiniões e ações. Esta é a liberdade pela qual o diabo os libertou. Com esta liberdade não temos nada a ver, embora o mundo todo busque a liberdade da carne. Também não falamos da liberdade política, mas de uma outra, que o diabo odeia ao máximo: é a liberdade pela qual Cristo nos “libertou”. (...) É a liberdade em relação à lei, aos pecados, à morte, ao poder do diabo, à ira de Deus, ao juízo final. Onde? Na consciência. Sou justo assim porque Cristo é o libertador e (nos) torna livres não de modo carnal, nem político, nem diabólico, mas de modo teológico, isto é, unicamente na consciência.”⁹⁹

II

O livre libertado na consciência é posto sob o céu. Embora ele sempre encontre no seu respectivo ambiente outros livres libertados, todos eles, um por um e juntos, não escapam da tribulação. Esta é a irmã gêmea da liberdade cristã. São inseparáveis; onde uma vai, vai a outra.

O livre libertado foi marcado a ferro quente com a cruz. Raras vezes é a cruz heróica daquele que — em face de todas as vicissitudes contrárias à sua ação libertadora e frente aos opressores, incontáveis e irresistíveis — grita por liberdade e “cantando a liberdade vai morrer”¹⁰⁰. Via de regra é a cruz vulgar das mãos vazias e sujas, da aridez dos sentimentos, das trevas da mente, do caos do coração. Faltam clarividência e paciência históricas, há tantas vozes e espíritos ao redor — quem os discerne? E tendo, uma vez, saído da toca e optado, já se vê cooptado e vê o seu engajamento desvirtuado, até virado pelo avesso. Assim, anda dividido entre resignar-se e precipitar-se.

Em ambos os lados se torna culpado. Sim, experiência arrasadora: quanto mais exercita o seu ser livre libertado, tanto mais aumenta a sua culpabilidade. Bem aí Lutero é companheiro, aliás ele o é só para o atribulado existencialmente!

Meu querido irmão, aprende Cristo, e a ele crucificado, aprende a cantar a ele e, desesperando em relação a ti mesmo, dizer-lhe: “Tu, Senhor Jesus, és minha justiça; eu, porém, sou teu pecado. Tu assumiste o que é meu e me deste o que é teu. Assumiste o que não eras e me deste o que eu não era.” Toma cuidado, para que nunca aspire (ter) tão grande pureza que não queiras parecer a ti pecador ou até não queiras ser pecador. Pois Cristo habita unicamente em pecadores.¹⁰¹

Deus não salva pecadores ficticiamente. Sê um pecador e peca corajosamente, mas crê e alegra-te mais corajosamente em Cristo, que é o vencedor do pecado, da morte e do mundo.¹⁰²

O vencedor do pecado, da morte e do mundo se dirige assim ao livre libertado, agente atribulado:

A minha mão segura.
Alcançarás a salvação,
eu venço a luta dura.
Pois eu sou teu e tu és meu,
onde eu estou, terás o céu.
Nada há de separar-nos.¹⁰³

Para o livre libertado “ter o céu” significa estar em companhia constante de Jesus Cristo e ciente da promessa dele de que nada será em vão, embora assim possa parecer. Sob hipótese alguma Jesus Cristo o abandonará, faça ele o que achar que deva fazer em solidariedade com os pisote-

ados. Justamente na morte Jesus Cristo o deixa passar à vida (cf. Jo 5.24).

Esta é a fé do livre libertado. Logo ele vai à luta, aliás, participa na luta por pão e saúde, por teto e terra, por escola, vida partilhada e estruturação popular, transparente e mutável da sociedade.

Notas

- 1 Lutero mencionou, p. ex., vagamente a recente descoberta de “muitas ilhas e países” (WA 10/I/1,21,16 — 1522), a Pérsia (30/3,366,12 — 1531), a África (47,565,22 — 1539), a Índia e o “país dos negros” (236,1 — 1537 a 1540).
- 2 Que Lutero *qua* indivíduo não se atribuiu nenhuma importância é tão notório que são desnecessárias referências.
- 3 WA 10/I/1,68,6s.
- 4 P. ex.: 10/I/1,136,16s.
- 5 Não interessa se tal ocorre consciente ou inconscientemente. O fato em si é que nos desinstala.
- 6 Lutero usou muitas vezes esta tríade para caracterizar a radicalidade da dedicação do cristão aos próximos, p. ex.: WA 10/I/2,168,19.
- 7 Cf. o título do livro coordenado por H. Chr. KNUTH & Chr. KRAUSE, *Hat Luther uns erreicht?*; (Antworten aus fünf Kontinenten), Hannover, Lutherisches Verlagshaus, 1983. As contribuições vindas do Terceiro Mundo oferecem escassa luz para a reflexão que estamos empreendendo. Considero-as, até, água para o moinho daqueles em nossas paragens que nada esperam de Martim Lutero e dos seus “discípulos”.
- 8 A respeito da *assertio*: WA 18,603,1-605,34; e ainda: 606,1-609,14 (652,23-661,28); 620,38-641,26; 671,19-683,10 (687,37-688,26); 692,1-705,13. Veja também a congenial interpretação assertória de H. J. IWAND em: H. H. BORCHERDT & G. MERZ, eds., *Martin Luther*; *Ausgewählte Werke*; *Ergänzungsreihe Erster Band*, 3ª ed., München, Chr. Kaiser, 1954, pp. 268ss.
A *assertio* é inimiga mortal da neutralidade. A *assertio* provoca surpreendentes separações e cria união ainda mais surpreendente. A *assertio* liberta para pronunciar bem-aventuranças e maldições; ambas, primeiro sobre nós próprios, e, depois, sobre os semelhantes, sem acepção de pessoa. A *Assertio* liberta para colocar espontânea e alegremente tudo o que se é, pensa e tem à disposição do pisoteado, sem mérito ou dignidade da parte dele, bem como sem possibilidade e vontade dele dar recompensa.
- 9 Resposta de Lutero (em Augsburg, por ocasião do interrogatório perante J. Caetano de Vio, outubro 1518) à pergunta onde ficaria no caso de ser abandonado pelo duque eleitor: WA TR 5,79, nº 5.349.

- 10 Assim Lutero se expressou diversas vezes a respeito de si mesmo; p. ex.: WA 30/3,366,8s.
- 11 P. ex.: 8,685,14s.
- 12 50,241,2ss.
- 13 Agradeço a Enio R. Mueller a citação de J. L. Segundo.
- 14 WA BR 3, n° 659,155s.,5ss.
- 15 WA 1,525,4ss.
- 16 WA TR 1,80, n° 173.
- 17 F. Myconius (1490-1546) sobre Martin Lutero: WA BR 10, n° 4.021, introdução = p. 638, último parágrafo; grifo meu.
- 18 “*Gegensatzpaare*” (G. EBELING, “*Usus politicus legis — usus politicus evangelii*”, *Zeitschrift für Theologie und Kirche*, Tübingen, 79(3):326, 1982).
- 19 Veja em primeiro lugar: *Luther; Einführung in sein Denken*, Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1965.
- 20 WA 1,72,34-73,26. Cf. Th. BRANDT, *Das Lutherwort zum Psalter*, 3ª ed., Bad Salzflun, MBK-Verlag, 1956, p. 211, ref. Salmo 105,3b. Ao alinhar a vida dos cristãos para a frente, como vida aberta e a ser preenchida por Deus, Lutero se parece com Dêutero-Isaías (Is 43.18s.). Aí reside o seu “profetismo”, caso se deseje chamá-lo de “profeta”.
- 21 Cf. as mais recentes introduções a respeito às quais tive acesso: P. MANNS/H. MEYER, *Ökumenische Erschliessung Martin Luthers*, Paderborn, Bonifatius; Frankfurt a. M., Lembeck, 1983; concernente à frente “romana”: pp. 15-89; referente ao “entusiasmo”: pp. 193-219, 244-70.
- 22 Sob este aspecto, de veras, a pessoa de Lutero é elucidativa. Com perspicácia, S. Kierkegaard o chamou de “um paciente (de Deus) tremendamente interessante para a cristandade inteira” (cf. H. DIETZFELBINGER, “*Überfluss haben am Wort der Wahrheit*” — *Luthers erste Sorge*, Führ, Flacius-Verlag, 1984, p. 62).
- 23 WA 39/1,282,16.
- 24 Cf. o título (e o conteúdo!) do livro de E. BIZER, *Fides ex auditu*, 3ª ed., Neukirchen-Vluyn, Neukirchener, 1966.
- 25 WA 18,202,38ss.
- 26 Por ora não estou em condições de indicar a localização desta citação.
- 27 WA 23,157,30ss.
- 28 Por ora não estou em condições de indicar a localização desta citação.

- 29 1,12,11ss.; 13,14s.; 16,41s.-17,8.
- 30 Cf. D. J. HALL, in: P. MANNS & H. MEYER, eds., op. cit., p. 305.
- 31 K. WITTE (compilador), *Nun freut euch, lieben Christen g'mein*; Luthers Wort in täglichen Andachten, 5ª ed., Neuendettelsau, Freimund, 1968, p. 306; ref. Lc 10.27.
- 32 R. GAEDE NETO, “Vem, Espírito de Deus”, 1, in: Distritos Eclesiásticos do Espírito Santo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil — DD EE ES IECLB (compilado por M. L. Berger), 3ª ed., Vitória, p. 58.
- 33 Por ora não estou em condições de indicar a localização desta citação.
- 34 WA 10/3,235,14ss.; 334,23s.
- 35 K. WITTE, op. cit., p. 307; ref. Lc. 10.33.
- 36 WA 20,514,28ss.; 515,27ss.
- 37 Cf. em alemão “*Gottesdienst*” — *genetivus subiectivus!*
- 38 Cf. o título (e o conteúdo!) do ensaio de E. KÄSEMANN, “*Gottesdienst im Alltag der Welt*”, in: *Exegetische Versuche und Besinnungen*, 2ª ed., Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1965, vol. 2, pp. 181ss.
- 39 Cf., p. ex., a explicação do 2º artigo no Catecismo Menor, in: *Livro de Concórdia*; as Confissões da Igreja Evangélica Luterana (tradução e notas de A. Schüler), São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 1980, 371,4.
Veja como introdução a toda esta visão teológica verdadeiramente revolucionária: W. ELERT, “*Regnum Christi*”, in: *Zwischen Gnade und Ungnade*, München, Evangelischer Pressverlag, 1948, pp. 72ss.
- 40 O Símbolo Niceno, in: *Livro de Concórdia*, 20.
- 41 WA 7,66,35//35,34. Cf. L. HOCH, ed., *Formação Teológica em Terra Brasileira*, São Leopoldo, Sinodal, 1986, p. 86, nota 77.
Continua sendo um enorme desafio desdobrar o que significa “ser um Cristo para o nosso próximo” no Terceiro Mundo, arrasado — antes de muitos — por cristãos.
- 42 WA 10/2,325,19s.
- 43 Th. BRANDT, op. cit., p. 265; ref. Salmo 123.1.
- 44 WA 11,255,8s.
- 45 WA 11,254,36. Lutero escreveu *Seele* — “alma”. Será que pensou — conforme Mt 10.28 e Rm 9.3 — num empenho implicando risco da vida com Jesus Cristo após a morte?
- 46 Cf. o título (e o conteúdo!) do ensaio de H. VOGEL, “*Die christliche Solidarität mit dem Gottlosen*”, *Monatsschrift für Pastoraltheologie*, 1931, pp. 326ss.
- 47 Por ora não estou em condições de indicar a localização desta citação.

48 WA 7,37,37s.; 38,1s.

49 Por ora não estou em condições de indicar a localização desta citação.

50 Este *inter-esse* pela vida e pessoa de Martin Lutero nada terá em comum com as mistificações e ideologizações das mesmas, comentadas, p. ex., em: H. STEPHAN, *Luther in den Wandlungen seiner Kirche*, 2ª ed., Berlin, 1951.

51 WA 7,20ss. Ao colocar “*Christen Mensch*” no título e depois, Lutero dificilmente se referia à individualidade/personalidade cristã (que nem conhecia), mas à pessoa cristã *qua* “coletivo”/“espécie”; daí que a tradução com o plural “os cristãos” parece bem na linha da confissão do autor.

52 P. ex.: WA 30/1,234,22.

53 P. ex.: 19,72,3ss.

54 P. ex., ref. aos “entusiastas”: 30/1,234,21ss.; e aos “papistas”: 10/2,15,15ss.

55 Assim assinou cartas entre novembro de 1517 e janeiro de 1519. Cf. L. HOCH, ed., op. cit., p. 85, nota 70. G. EBELING comunica o atual resultado da pesquisa relativa ao sobrenome de Lutero: “Na ortografia do nome *Luther* em vez de *Luder* seja ‘conservado o âmago do nome *Eleutherius*’.” (“*Der kontroverse Grund der Freiheit*”, in: B. MOELLER, ed., *Luther in der Neuzeit*, Gütersloh, G. Mohn, 1983, p. 20, nota 43.)

56 Cf. o título (e o conteúdo!) do ensaio de P. SCHEMPP, “*Der Mensch Luther als theologisches Problem/Der freie Mensch Luther*”, in: —, *Gesammelte Aufsätze*, München, Chr. Kaiser, 1960, pp. 277ss.

57 Veja como, no seu relato sobre o acontecimento (WA 54,186,3ss.), Lutero quase não conseguiu parar de realçar a *Alleinwirksamkeit* (atuação exclusiva) de Deus.

58 WA 54,186,8s.,15s.

59 Veja o caráter multifacetado da sua obra monumental.

60 Cf., p. ex., as suas cartas escritas do Castelo de Coburgo às pessoas reunidas na Dieta de Augsburg em 1530, quase todas publicadas e comentadas por F. W. HOPF, ed., *Martin Luther — Briefe von der Veste Coburg*, 4ª ed., München, Chr. Kaiser, 1967.

61 Cf., p. ex., o seu procedimento durante o colóquio de Marburgo em 1529. Veja a avaliação do historiador profano L. v. RANKE, *Deutsche Geschichte im Zeitalter der Reformation I*, Hamburg, Standard, 1957, p. 527: “Nunca a pura retidão (*Gewissenhaftigkeit*) se manifestou de forma mais inescrupulosa e grandiosa” do que no momento quando se rejeitou um pacto político para defender a fé “exclusivamente por religião”.

62 WA 18,636,27ss.

63 7,215,28ss.; 216,1ss.

64 7,838,4ss.

- 65 Veja, p. ex., sua carta sem par ao duque eleitor Frederico o Sábio quando voltou, contra a vontade deste, do Castelo de Wartburgo: WA BR 2, n° 455, 454, 1ss.
- 66 G. VANDRÉ, “Pra não dizer que não falei de flores”, in: IECLB — Novas Áreas de Colonização, *Entre Nós Está*, 54, estribilho.
- 67 Autor desconhecido, “A verdade vos libertará”, 1.2, in: D. I. RISTOFF et al., *Queiro Cantar ao Senhor 2*, São Leopoldo, Sinodal, 1984, p. 19.
- 68 P. ex.: WA 1,147,38.
- 69 P. ex.: WA,457,8s.
- 70 P. ex.: 7,21,3s.
- 71 8,93,18s.
- 72 40,3,207,8s.
- 73 Denominações às quais Lutero sempre recorreu quando queria caracterizar pessoas que pretendiam levar uma “vida santa” auto-orientada.
- 74 WA 39/1,175,9s.
- 75 10/1/1,531,7.
- 76 42,469,36s.
- 77 *Livro de Concórdia*, 368,10.
- 78 *Ibid.*, 368,14.
- 79 *Ibid.*, 374,14.
- 80 WA 51,207,22ss.
- 81 6,459,24ss.
- 82 J. WALLMANN, “Luthers Stellung zu Judentum und Islam”, *Luther; Zeitschrift der Luthergesellschaft*, Göttingen, 59(2):52-3, 1986.
- 83 WA 32,393,9ss.
- 84 WA 32,402,9ss. Tal procedimento segue a palavra de Deus, “que ataca e agride todo o mundo, estende a sua mão para dentro da boca de (...) senhores e príncipes e de cada um, ralha e condena todo o seu ser” (398,37s.; 399,1), “(...) troveja e relampeja e vira temporal contra montes grandes e poderosos, (...) põe fogo e despedaça tudo quanto é grande, portentoso e desobediente (a ela)” (399,6ss.).
- 85 Político em sentido estrito: aquele que se preocupa com a *polis* e os seus destinos.
- 86 Veja como introdução a listagem de P. SCHEMPP, op. cit., pp. 230ss. Ela poderia oferecer uma boa mão no aprofundamento de um tema palpitante entre nós: Lutero

e a corrupção pública.

87 Lutero em relação a Jorge o Barbudo, conde da Saxônia. Por ora não estou em condições de indicar a localização desta informação.

88 WA 6,239,3ss.

89 Por ora não tenho condições de indicar a localização desta citação.

90 45,535,27s.,39.

91 19,648,4.

92 656,23ss.

93 WA TR 1.558, nº 1126.

94 Lutero não só falou em “massa” ou “populacho”! Seria elucidativo para nós no Terceiro Mundo verificar o contexto e o *Sitz im Leben* das diversas designações concernentes ao povo.

95 WA 40/2,18,4.

96 40/1,262,9.

97 39/1,455,6.

98 47,27s.

99 40/2,2,9s.,11ss.; 3,1ss.,5ss.

100 Autor desconhecido, “Procurando a liberdade”, 3, in: DD EE ES IECLB, op. cit., 23.

101 WA BR 1, nº 11, 35,24ss.

102 2, nº 424,372,33ss.

103 WA 35,424,25ss.; 425,1ss.